

Efésios

- 5.22** As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor;
- 5.23** porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo.
- 5.24** Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.
- 5.25** Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela,
- 5.26** para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra,
- 5.27** para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito.
- 5.28** Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama.
- 5.29** Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;
- 5.30** porque somos membros do seu corpo.
- 5.31** Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne.
- 5.32** Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja.
- 5.33** Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido.

INTRODUÇÃO

Quero que fique claro a todos que cada atitude que temos tomado no que diz respeito a nossos relacionamentos tem consequências. A questão é que nem sempre conseguimos perceber de maneira clara essa consequência. Nos deixamos cegar pelas recompensas imediatas. Mas depois pagamos o preço pela desconstrução da família, falta de amigos e relacionamentos em geral. Você consegue ver isso na sua vida? Cada vez que escolhemos não insistir ou perseverar, deixamos de viver o melhor dos relacionamentos.

Hoje falaremos sobre como nos conectamos uns com os outros. E, de novo, buscaremos a visão de quem tem sido reconhecido por enxergar bem nosso tempo, Zygmunt Bauman, sociólogo nascido na Polônia, em 1925 (ainda vivo, com 91 anos). Ele será a base do que vamos afirmar que vivemos hoje, como sociedade. E buscaremos na Bíblia as respostas para o que vemos.

Segundo Bauman, “na modernidade líquida, as pessoas se sentem desligadas umas das outras e, assim, desejam conectar-se. Contudo, as conexões não têm garantia de permanência, e podem mudar ou ser desfeitas a qualquer momento e por diversas vezes”. E aponta a fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança resultante e o dilema entre estreitar os laços e, ao mesmo tempo, manter uma distância considerada conveniente.

O autor afirma que muitos buscam o que chama de “relacionamentos de bolso”, que podem ser usados quando necessário e, depois, ser guardados para usar novamente depois. Por isso as pessoas

preferem usar o termo “conectar-se”, em vez de “relacionar-se”; no lugar de “parcerias” preferem falar em “redes”. Quais são os méritos da linguagem da “conectividade” que estariam ausentes da linguagem dos “relacionamentos”?

A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar”. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las (BAUMAN, 2004, p. 12).

Segundo o sociólogo, os relacionamentos virtuais são facilmente rompidos, em contraste com o que ele chama de relacionamentos reais. Contudo, Castells (1999, p. 445-446) afirma que as comunidades virtuais não são necessariamente irreais, mas funcionam em outro plano da realidade. Embora estabeleçam laços fracos, podem gerar reciprocidade e apoio. Nossa cultura consumista dá preferência ao produto pronto para uso imediato, ao prazer intenso e passageiro e à satisfação instantânea.

As “relações virtuais”... parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior... Diferentemente dos “relacionamentos reais” é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. Hoje “sempre se pode apertar a tecla de deletar”.

Assim, as relações virtuais (rebatizadas de “conexões”) estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos. Isso não traz felicidade aos homens e mulheres que se rendem a essa pressão; dificilmente se poderia imaginá-los mais felizes agora do que quando se envolviam nas relações pré- virtuais. Ganha-se de um lado, perde-se de outro.

ENTENDENDO O QUE A BÍBLIA DIZ

Entendemos que no correr da história perdemos o fio que conduz nossa história. Percebemos por experiência própria que os relacionamentos são parte de nossa vida, que não somos completos sem eles. Mas, por outro lado, o rejeitamos por conta das péssimas experiências em nossas vidas e ao nosso redor. A solução é reaprender a nos relacionar. É entender a maneira correta, saudável e prazerosa de vivermos juntos.

Entendemos que Deus estabelece a família como um padrão de relacionamento sadio. Nela deveríamos aprender como nos relacionar da melhor maneira. Então precisamos descobrir como Deus estabelece, na Bíblia, a melhor maneira de viver os relacionamentos dentro da família.

Vamos começar com o relacionamento marido e mulher. O texto de Efésios 5.22-33 nos mostra alguns aspectos interessantes e necessários desse relacionamento.

O texto começa estabelecendo polêmica! As mulheres devem ser submissas aos seus maridos? Sim ou não? Sim! Bom, embora desejemos que a Bíblia nos sirva, lendo ela a partir de nossos desejos e expectativas, ela não se adapta a nós. Então vamos colocar os pingos nos “is”.

A missão do que ensina é ser fiel à Palavra. Mesmo que ela se volte contra ele ou agrida seus alunos. Pensamento é apropriado à abordagem de Ef 5.21-33, por trazer tema “politicamente incorreto” para nossos dias. Pensando mais um pouco, percebemos que, por motivos diferentes, o texto também era de difícil assimilação quando escrito, pois viviam no outro extremo!

Luz a Partir da Estrutura É importante notar que a passagem faz parte de um contexto maior. E, como na maioria das cartas de Paulo, há uma separação do argumento em dois, que podemos chamar de: a iniciativa de Deus e a resposta humana.

Podemos separar carta aos Efésios em dois segmentos de 3 capítulos. 1) Capítulos 1 a 3 - O Apóstolo descreve o processo pelo qual Deus, que nos criou pra sua glória, nos encontra “mortos em nossos pecados”, e nos dá vida através de Cristo.2) Capítulos 4 a 6 - Admoesta a igreja a viver de acordo com essa verdade.

Por isso inicia Ef 4.1 dizendo: “Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados”. Esse “pois” indica que ele inicia seus argumentos de como aplicar na vida prática sua primeira proposição. Então Paulo nos recomenda que andemos de forma coerente com a nossa vocação. E começa a estabelecer uma série de padrões de santidade, a serem alcançados pela igreja. São recomendações gerais, aplicáveis a toda a igreja (homens, mulheres, jovens, solteiros, casados, viúvos, pais, filhos, empregados, patrões, etc).

Porém, reparamos que a maioria das recomendações são relacionais; destinam-se a regular as relações entre os membros da igreja. Fala de mentira, de ira, de roubo, linguajar impróprio, cobiça, gritaria, avareza, e tantas outras coisas que só se aplicam no relacionamento entre duas pessoas.

E aqui precisamos perceber algo importantíssimo: As recomendação são gerais, embora destacadas em situações específicas. Ou o que se aplica a dois irmãos, não se aplicaria, a um casal? Por que um irmão não deveria mentir ao outro, mas poderia fazê-lo ao seu cônjuge? Por que um presbítero deveria tratar com paciência uma irmãzinha da igreja e não a sua esposa?

Ora, se tal argumento está correto, então, o vs. 21(“sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”) aplica-se ao casamento, com toda a sua força. Temos a tendência de começar a leitura pelo vs. 22, achando que o texto anterior é “geral”. Mas mesmo que fosse, muito mais motivos teríamos para aplicá-lo a família.

E o texto diz que as pessoas devem se sujeitar umas às outras no temor de Cristo. Por temor a Cristo — ou, como se fosse a Cristo —, o pastor se sujeita ao irmão; o líder ao liderado; o marido à esposa e esta ao marido. O pai trata o filho adolescente como irmão em Cristo, e vice-versa.

OS SETE “COMO”

Imagine na igreja daquele tempo os maridos reclamando da bagunça que seria em seu lar se ele não pudesse exercer sua autoridade! Afinal, o vs 23 não diz que ele é o cabeça?

É notável a preocupação de Deus em não permitir que o vs. 23 fosse compreendida à parte de todo o contexto, e distorcida pelo interesse do mais forte. Por isso lemos 7 vezes a palavra “como”, que estabelece um elemento de comparação, para que compreendêssemos o que o Espírito quer dizer.

O primeiro “como” está no vs 22 e define como as mulheres devem submeter-se aos maridos: como ao Senhor. Veja que não é como o marido acha que deva ser. A esposa deve submeter-se ao marido como ela se submete ao Senhor. Se não houvesse este “como”, a passagem estaria a dizer, de modo absoluto, que as mulheres devem colocar-se sob a missão do marido. O que já pressupõe que o marido deve ter, para o lar, uma missão. Sem missão, a submissão torna-se impossível. Aí está um assunto que merece conversa. Sem missão não há liderança efetiva!

Mas as comparações não terminam aí; e esclarece o lado do marido(vs 23): “porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja...” Há parâmetros para a liderança do marido. Assim como a submissão da esposa tem um modelo, também a liderança do marido é

definida pelo “como” do texto. E a definição é o exemplo do próprio Cristo.

Note que a comparação que os “como” estabelecem é entre as relações marido-mulher e as relações Cristo-igreja. E Paulo fecha seu argumento introdutório, no vs 24, dizendo que a mulher deve estar sujeita ao marido, como a igreja a Cristo.

É hora de nos perguntarmos: “Como a igreja está sujeita a Cristo?” Se compreendermos as características dessa sujeição, saberemos mais sobre as características das relações mulher-marido. Talvez palavras-chave extraídas de alguns textos bíblicos que falam da atitude da igreja em relação a Cristo ajudem-nos: devoção, iniciativa, voluntariedade, fidelidade, abnegação, gozo e alegria. Nada que lembre constrangimento, contrariedade, amargura, rancor, subserviência, servilidade, enfado. Cristo não quer um serviço forçado e malfeito, sem capricho, sem amor, sem alegria. Cristo não se propõe a ser um capataz que apenas dá ordens e pune faltosos. Não é esse o tipo de relações que oferece. Mas sim relações de amor, responsabilidade, disciplina, iniciativa, reciprocidade. Assim, pois, deve a mulher portar-se, ao assumir a missão que, pelo marido, o Senhor designa àquele lar. Ais apenas um esboço do que o texto quer dizer com os três primeiros “como”, dirigidos, primeiramente às mulheres.

Agora, a Palavra se volta para os maridos, e os 4 “como” seguintes revelam a natureza de sua atitude em relação às esposas: “como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”.

Repare que não há uma única palavra sobre poder, autoridade, domínio, direitos e prerrogativas, mas “se entregou por ela”. Fala somente de sacrifício! Para apresentá-la a si mesmo esposa gloriosa, sem mácula, nem ruga nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito (vs 27). Não é por meio de críticas, ameaças, pressões ou punições que Cristo lidera sua igreja, sua noiva. Nem mesmo quando essa noiva se mostra rebelde, desorientada, infeliz, infiel. Ao contrário, ele diz que está à porta e bate. Pacientemente.

Cristo nos ensina, com sua atitude, que o verdadeiro líder não usa sua posição em benefício próprio. Ao contrário, o verdadeiro líder é o que atende às necessidades dos liderados. Ser Cabeça não é prêmio, é cargo, é função. Função que emana da cruz, com todas as suas farpas. Não é posto para ser usufruída, mas missão que será cobrada.

É por isso que o homem deixará seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher (31). É preciso muita independência e maturidade para tal missão. Ser “autoridade”, no sentido secular, é relativamente fácil. Até para imaturos. No sentido aqui apresentado exige fibra e desprendimento.

As relações no Reino se dão na base do amor e submissão voluntária. Um se submete ao outro, “como ao Senhor”. Aquele que quer ser o maior, faz-se menor e serve aos demais. E os demais dificultam essa tarefa (de servi-los), 8 pois também amam ao Senhor, e também querem servir. Grande é este mistério (vs 32)!

Este modelo, quando aplicado ao casamento, tem a função de testemunhar, nas regiões celestiais, que o projeto de Deus para o relacionamento entre suas criaturas é viável e possível, quando seu nome é invocado. O casamento, então, torna-se a vitrine do Reino!

O QUE O TEXTO DIZ PARA NÓS HOJE?!

Talvez você esteja se perguntando: será que é possível viver essa história bonita? Será que isso se aplica a minha vida, meu casamento, minha família? SIM! E não sou eu quem digo, mas o Senhor!

Mas não podemos andar em cima do muro! Para viver essas coisas precisamos assumir as posições

do Reino de deixar que Cristo seja o Senhor de nossa vida e deixar o Espírito Santo guiar nossos caminhos, nossas decisões, pensamentos e sentimentos. Não dá para titubear, não dá para ficar indo e vindo. O que decidimos viver não pode se basear na reação das pessoas e sim na minha relação com Deus. Entende!

Precisamos viver relacionamentos maduros, sadios, firmes, felizes, que durem até a eternidade. E tem a ver com o outro. Mas eu só posso decidir sobre minhas ações, sobre o meu nível de comprometimento. E não aceitar menos!

CONCLUSÃO

Se vivemos em “Tempos Líquidos” onde se destaca a figura do “homem sem vínculos”, principal característica das pessoas em nossa época, nós precisamos ser a vitrine do Reino, que mostre a esse mundo como relacionamentos sólidos podem ser viáveis e felizes!

Nossos compromissos com as pessoas devem ser a prova de nosso compromisso com Deus. Precisamos assumir isso, entender que nossa geração vive assim. Mas também assumir que nós somos agentes da mudança.

DESAFIO:

O seu compromisso com as pessoas deve ser a demonstração clara do seu compromisso com Deus. Esteja lá, permaneça, acredite, persevere, mesmo quando for o único, mesmo quando nem sempre for correspondido!